

Uma breve reflexão sobre a breve história da destruição do Cerrado brasileiro

A brief reflection on the brief history of the destruction of the Brazilian Cerrado

Walter S Araújo¹

1. Departamento de Ecologia, ICB, Universidade Federal de Goiás – UFG, Campus II, Caixa Postal 131, CEP 74001-970, Goiânia, GO, Brasil.
*Autor para correspondência: walterbioaraujo@yahoo.com.br

O Brasil é um país megadiverso constituído por domínios fitogeográficos insubstituíveis, como é o caso do Cerrado. Cobrindo 21% do território nacional o Cerrado abriga algo entre 20 e 50% de todas as espécies do país. Isso faz desse domínio bastante relevante, do ponto de vista científico, para o inventário da diversidade biológica nacional e neotropical. Evidenciando isso é crescente o número de profissionais, centros de pesquisa e estudos na região. Esses novos conhecimentos sobre a diversidade do Cerrado tem indicado dois fatos: grande diversidade e alta vulnerabilidade.

Toda essa grandeza e diversidade do Cerrado estão sendo substituídas pelo avanço da fronteira agropecuária. Um estudo bastante popular da ONG *Conservation International*, indica que as taxas de perda de área nativa de Cerrado para a agropecuária giram em torno de 1,1% ao ano. Nesse ritmo, seria de se esperar que o Cerrado desaparecesse em 2030.

A ação humana sobre o Cerrado vem ocorrendo de forma acelerada e não planejada. Por causa disso, o Cerrado, é listado entre um dos 25 *hotspots* para a conservação mundial, juntamente com a Mata Atlântica e a Caatinga, também representantes brasileiros. Essa classificação, que é baseada principalmente em taxa de endemismo e perda de área, indica a necessidade imediata de ações conservacionistas. Estudos indicam que a área alterada do Cerrado equivale a quase três vezes a área desmatada na Amazônia brasileira. Nesse contexto, pensar estratégias de conservação – e colocá-las em prática – é de importância vital não somente para o Cerrado, mas para toda a biodiversidade nele presente.

No histórico de ocupação agropecuária do Brasil, alguns domínios fitogeográficos foram bastante fragmentados. Isso aconteceu com os Pampas no Sul do país, desde o século XVII, onde a pecuária avançava sobre os campos naturais. Outro caso é o da Mata Atlântica que é bem mais antigo, desde os primórdios do Brasil, primeiro com a extração de pau-brasil (Século XVI) e depois

com as culturas de cana-de-açúcar e de café, respectivamente, nos séculos XVII e XVIII. Entretanto, a destruição do Cerrado foi bem mais precoce. Iniciando-se na década de 1970, com o avanço da fronteira agrícola, sobretudo as monoculturas de soja, o Cerrado tem sido extirpado em apenas quatro décadas.

As áreas dos Pampas e da Mata Atlântica já quase que deram lugar completamente às monoculturas e pastagens. A fronteira agrícola no Brasil está rompendo rumo ao norte do país e entre as décadas de 30 a 70, o centro-oeste consolida-se como fronteira agrícola e pólo de absorção de excedentes populacionais. A região concentra mais de 11 milhões de habitantes, com taxa de crescimento populacional superior à nacional. Nesse contexto, o Cerrado é um dos domínios do país que teve evolução sócio-econômica mais recente e que funciona hoje como a única barreira propriamente dita que impede a expansão agropecuária de atingir o domínio Amazônico.